

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA /UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
PÓLO – BARRETOS / SP

GISELE APARECIDA CORRÊA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ARTE E CULTURA
POPULAR POR MEIO DO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Barretos- SP
2017

GISELE APARECIDA CORRÊA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ARTE E CULTURA POPULAR
POR MEIO DO ENSINO DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas,
habilitação em Licenciatura, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília.

Orientador: Professor (a) Carla Conceição Barreto

Barretos
2017

Dedicatória

Dedico este trabalho a Deus por ser essencial em minha vida, presente em todos os momentos de angústia e conquista.

Aos meus pais José Carlos e Newta, os meus irmãos e meu querido sobrinho Henrique.

Dedico aos que não estão mais aqui, tenho certeza que estariam felizes por minha vitória. Agradeço a minha orientadora pela paciência e grande ensinamentos.

Agradecimento

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado em seus braços enquanto não consegui andar sozinha. A meus avós in memoriam por ter dado vida aos meus pais. Aos meus pais José Carlos e Newta que me deram a vida. Aos meus irmãos, e em especial a minha irmã Grazieli por todo o apoio tecnológico e financeiro, afinal de contas alguém pagou pelo Wifi e manutenções do computador, foram vários vírus que vieram dos downloads de todos os sites visitados. Mas, não só por isso, é essencial tê-la ao meu lado, mesmo por chantagem emocional que eu fazia. A meu querido sobrinho Henrique que chegou como um anjo na minha família.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAPITULO I	9
Ensino das Artes Visuais.....	9
Entendendo o Ensino da Arte.....	10
Artista em Destaque: José Francisco Borges, nascido em Bezerros/PE. (1935)	12
CAPITULO II.....	13
Xilogravura e os Folhetos de Cordel.....	13
Xilogravura como manifestação da Arte e Cultura Popular.....	14
Folhetos de Cordel	17
CAPITULO III	19
Conhecendo Arte e Cultura Popular	19
Arte e Cultura: Importância e Valorização	23
Considerações Finais	25
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
REFERÊNCIA DAS IMAGENS.....	29
ANEXO A – Plano de Aula.....	31
ANEXO B	34
ANEXO C	36

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: José Francisco Borges (1935)	12
Figura 2: Recorte da Madeira	15
Figura 3: Folhetos de Cordel	18
Figura 4: O Monstro do Sertão	34
Figura 5: A Mulher Misteriosa	34
Figura 6: Encontro de Violeiros	35
Figura 7: Memorial J. Borges	37
Figura 8: O verdadeiro Aviso de Frei Galvão	36

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa descreverá a xilogravura e os folhetos de cordel como instrumento de conhecimento e valorização da arte e cultura popular. A intenção é mostrar que a xilogravura e o cordel são artes específicas de uma região, a nordestina, mas que pode ser incluída em toda parte, considerando junto com a diversidade que existe no país, os encantamentos das obras do artista em destaque J.Borges (1935).

Desta forma observando a importância do ensino desta arte, será um estímulo à imaginação e criatividade, que envolve à técnica e produção em xilogravura. Para entender a xilogravura e os folhetos de cordel, descrevo cada uma delas de forma individual, de como é o seu desenvolvimento, a maneiras que foram conhecidas e qual sua importância, incluindo o artista, J. Borges (1935), conhecido na criação dos folhetos, e suas matrizes. Assim, expondo a produção artística regional nordestina, no contexto de arte e cultura popular.

Igualmente, pretendendo divulgar a arte da xilogravura, utilizando a sala de aula para expor esta arte conhecida também como gravura ou carimbo, suas matrizes são exemplares que se diferenciam na produção, com técnica de fio e de topo.

A pesquisa surgiu após as aulas de atelier no segundo semestre do curso Artes Visuais, técnica árdua que proporcionou momentos de criatividade e atenção na peça executada. No decorrer da pesquisa foi constatado que a biblioteca local é pobre no assunto, mas o acervo digital que hoje está disponível é versificado e esclarecedor.

Através de levantamento bibliográfico sobre o assunto, foram encontradas as etapas do processo de execução da matriz em xilogravura, que aliada aos folhetos são inspirações para os entalhes da madeira. Desta maneira a xilogravura com os folhetos de cordel traz de uma forma natural à arte e cultura popular para o contexto no ensino de artes visuais. Deste modo o ensino pode ser levado para vários segmentos, como a sala de aula, projetos comunitários, trabalhos sociais que envolvam atividades manuais integradas ao ensino da arte, valorizando a arte e cultura popular do país, destacando a nordestina. A pesquisa bibliográfica foi à escolha para realização deste trabalho, pois ao longo do curso foi o que se destacou no ensino e aprendizado da arte popular, o que traz familiaridade com o assunto. Destacando na análise o xilogravurista e cordelista: José Francisco Borges (1935).

Problema de pesquisa: A Cultura popular é vasta e tem influência em vários aspectos da formação indenitária do nosso povo. Assim, como o ensino de Arte pode contribuir para o valor da Arte e da Cultura?

CAPITULO I

Ensino das Artes Visuais

A arte no seu amplo sentido é um processo de criação, fabricação ou produção de algo. O indivíduo aperfeiçoa um determinado processo desenvolvendo a capacidade criadora, a imaginação, a observação, o raciocínio. Capacidade que influenciam no aprendizado e no desenvolvimento, liberta-se da tensão, organizam pensamentos, sentimentos, sensações, forma hábitos, educam-se. Estimula a inteligência e contribuem para a formação da personalidade do indivíduo, sem a preocupação de um artista, é um trabalho educativo.

Assim, arte sempre estará ligada as transformações culturais. O homem em seu processo de evolução da história com os desenhos na parede das cavernas, já estavam ligadas a arte e a forma de aprender e ensinar, desta forma o ensino e aprendizagem em artes faz parte dos valores estabelecidos no ambiente cultural.

Na confluência da antropologia, da filosofia, da psicologia, da psicanálise, da crítica de arte, da psicopedagogia e das tendências estéticas da modernidade surgiram autores que formularam os princípios inovadores para o ensino de artes plásticas, música, teatro e dança. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 20).

A história da arte consiste em estudar os movimentos artísticos, suas modificações na análise estética, nas obras de arte e nos artistas. Esta análise é feita de acordo com a política, religião da época que será está sendo estudada. Através desta história é possível aprender um pouco sobre o ser humano, sua evolução nas diversas expressões e manifestações culturais e artísticas. Atualmente, alguns recursos visuais norteiam o nosso dia-a-dia. Nesse cenário, a preferência pela expressão visual no lugar da linguagem escrita prevalece na sociedade contemporânea, tornando-se cada vez mais frequente a preferência por assistir o filme, ao invés de ler o livro que o gerou.

O ambiente escolar é o local onde o aluno coloca em prática o que aprendeu. Assim o desenvolvimento da prática e o processo de criação assumirá forma de maneira concreta. Toda pesquisa desenvolvida em sala de aula, será o aporte para o desenvolvimento cultural de cada um, aluno e professor, rompendo com as formas tradicionais de ensino, sendo um processo desafiador para ambos. Portanto um processo de conhecimento com inicio meio e fim, uma forma de experienciar, despertando o interesse de quem aprende.

A manifestação artística tem em comum com o conhecimento científico, técnico ou filosófico seu caráter de criação e inovação. Essencialmente, o ato criador, em qualquer dessas formas de conhecimento, estrutura e organiza o mundo, respondendo aos desafios que dele emanam, num constante processo de transformação do homem e da realidade circundante. O produto da ação criadora, a inovação, é resultante do acréscimo de novos elementos estruturais ou da modificação de outros. Regido pela necessidade básica de ordenação, o espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas. . (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 26).

Acreditando-se que as produções artísticas são baseadas na prática e não no talento de cada um, esta maneira de propor uma nova forma de ensino rompe barreiras de exclusão, importando a maneira que cada um cria. Estimulando os alunos a entalhar, e escrever poesias, versos em rima e prosa, trazendo uma experiência, e não de um campeonato. Uma proposta em arte que ocasione um público maior de interessados.

Crianças e adolescentes se reconhecerão como integrantes do processo de evolução individual e em grupo. Uma prática com teoria educacional mais realista, mais crítico social dos conteúdos, sem deixar de considerar as outras perspectivas pedagógicas. Essa pedagogia escolar procura propiciar aos estudantes o acesso, o contato com os conhecimentos culturais básicos que é necessário para exercício social vivo e transformador.

Entendendo o Ensino da Arte

No texto de Ana Mae Barbosa (2012), que apresenta extenso discernimento com o ensino da arte no Brasil, traz como assunto fundamental a ideia entre culturas existentes no país através das representações simbólicas, de uma linguagem que transmite significados, não podendo entender cultura sem entender arte, desenvolvendo assim percepção e imaginação. Neste sentido, a identificação cultural ao mesmo tempo é uma dificuldade para o mundo moderno. Lembrando que o estímulo cultural está lado a lado com o ensino da arte visual, e que no Brasil este ensino é precário.

Compreendendo que a arte é uma cultura artística, que somos vistos através das inspirações, dos gestos, dos conceitos, constituindo articulações sobre aquilo que a história, a sociologia, a antropologia, não podem pronunciar, por que elas utilizam outro tipo de linguagem, a discursiva, a científica, que exclusivamente não são apropriadas para explicar uma sutileza cultural. E, toda e qualquer pesquisa em arte, educação, arte e cultura popular é de grande apego para todos, visto que é através destas conseguimos nos relacionar e ensinar

como professor, ou como mero espectador da vida, neste mundo de indivíduos famintos de um ambiente escolar de qualidade.

Em outro trabalho de Ana Mae (2012) “A Proposta Triangular”, ela usa a expressão “o reencantamento” para dizer que a educação perdeu o atrativo, e que para Ana Mae, Arte/Educação é todo o trabalho consciente para aumentar a relação de públicos (crianças, comunidades, idosos, etc.) com a arte, e a cultura. Desta forma a arte na escola protege o conhecimento da vida emocional sem distinguir a arte de uma coletividade sendo possível a informação parcial de sua cultura.

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação para saber perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Por isso o estudo das visualidades pode ser integrado nos projetos educacionais. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 45).

A história da arte e da cultura popular devem ser interrelacionada com os conceitos estéticos das diferentes épocas e com o meio social em que está a expressão artística. Arte no ambiente escolar é uma disciplina abrangente tanto na visão estética das diferentes épocas como no desenvolvimento do próprio senso estético de cada aluno.

A compreensão de que é um exercício artístico e multifacetado, tem sido de grande importância para que se vislumbre a arte-educação, traçando novos caminhos para a realidade sociocultural das diferentes comunidades, podendo ser considerados os elementos comuns, entre as tendências contemporâneas para o ensino da arte. Afirmando que o Brasil é rico em miscigenação, em formas e materiais para execução de todas as obras, e que a criatividade envolvida deve ser valorizada.

Portanto esta análise traz pontos que aborda a técnica e a popularização da xilogravura, analisando assim, alguns aspectos da produção das gravuras em madeira, procurando estabelecer um estudo que apresente padrões existentes na cultura visual do artesão brasileiro. Entendendo que este modo de fazer arte, firmou como meio da expressão, que focaliza circunstâncias diárias como os botecos, cabarés, jogo do bicho e as brigas de galos, constatando que a xilogravuras e os folhetos de cordel são criados de maneira natural, e assim também precisa ser representado nas escolas.

Artista em Destaque: José Francisco Borges, nascido em Bezerros/PE. (1935)

Autodidata, filho de agricultor, J. Borges cresceu envolto a diversas atividades como marceneiro e mascate. Em 1956 começou como vendedor de folhetos nas feiras populares. Através do convívio e venda de folhetos escritos por outros artistas escreveu o seu primeiro cordel. Logo, com poucos recursos para ilustrar seu folheto, produziu sua primeira matriz em xilogravura, inspirado na faixada da igreja de Bezerros, em pouco tempo adquire máquina de tipografia e assim passou a fazer e editar seus próprios folhetos. Após uma longa carreira, o artista J. Borges permaneceu escrevendo e produzindo cordéis, e institui a gráfica Casa de Cultura Serra Negra, em Bezerros. Mas foi através da xilogravura que sua carreira alavancou reconhecimento nacional e internacional, disseminando xilogravura e os folhetos de cordel, em workshops e oficinas. E, em 1980 seus prémios foram aferidos como contribuição para arte e cultura popular.

Poeta e xilografo J. Borges é desataque por suas obras em xilogravura, principalmente por não serem rigorosas em perspectiva e proporção. Suas matrizes tinham tiragens limitadas, e seu trabalho era dividido em grupos: Do imaginário como mula sem cabeça, com personagens famosos como “Pavão Misterioso” e com temas místicos da cultura nordestina como “Lampião”, “Padre Cicero” e a seca, também com temas das famosas brigas de galo, cerimônias religiosas e a política. O artista brasileiro foi considerado em 2006 pelo Governo do Estado uma personalidade importante para a construção da história da arte e cultura popular de Pernambuco. (Figura 1)



Figura 1: José Francisco Borges (1935)
Fonte da imagem: Guia das Artes

O Brasil é rico em cultura popular, e através dela podemos prestar mais atenção nas desigualdades. A arte popular mediante ao ensino das artes visuais podem ser apreciadas e valorizadas, como parte complementar da vida social resgatando a identidade do povo nordestino. Hoje em dia o artista vive em Bezerros, cidade onde mantem seu atelier que é uma mistura de marcenaria, loja de cordéis, já perdeu a conta de quantas matrizes fez na vida, sempre abre seu espaço para conversar com repórteres e frisa que os mesmos sempre fazem as mesmas perguntas. Sua vida é marcada pela arte, e, a arte marcou a sua.

CAPITULO II

Xilogravura e os Folhetos de Cordel

Com o objetivo “A Importância da valorização da arte e cultura popular por meio do ensino de artes visuais” com ênfase na xilogravura e no cordel como ferramentas de expressão da arte popular, foi elucidado que a prática sobre a técnica da xilogravura com os folhetos de cordel são demonstrações das produções artísticas culturais nordestinas.

Estas atividades que envolvem a xilogravura é uma forma criativa de desenvolver o intelecto do aluno, que precisa de estímulos, motivos para continuar estudar. Portanto, os versos e prosas, abrirão portas para o conhecimento de uma cultura que pouco é estudado dentro da sala de aula, mas de valor para o povo nordestino, este estado é abastado de cultura e arte popular, ligando as possibilidades do aprendizado no ensino de arte, especialmente no envolvimento da criatividade e curiosidade que enriquece o conhecendo sobre esta arte e cultura popular. Logo, o incentivo do aluno no esforço pela criação da imagem, e consequentemente as cópias, farão com que o processo dos folhetos de cordel também passe pelo processo da imaginação, abrindo os olhos dos alunos por outras culturas.

Todas as obras do artista citado neste trabalho despertarão a curiosidade do aluno, desde a maneira como foi planejada até o passo-a- passo da sua execução. Assim a criação da xilogravura será imaginada a partir dos interesses dos próprios alunos, não perdendo o encanto da arte e cultura, experimentando o “fazer” criar, entalhando madeira, assim sentirá o prazer de produzir uma xilogravura, uma imagem, sua própria arte, que com os folhetos de cordel, sendo um casamento perfeito, que sobrevive através do tempo, e ampliando a destreza dos alunos.

Além disso, é preciso considerar as técnicas, procedimentos, informações históricas, produtores, relações culturais e sociais envolvidas na experiência que darão suporte às suas representações (conceitos ou teorias) sobre arte. Tais representações transformam-se ao longo do desenvolvimento à medida que avança o processo de aprendizagem. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 45).

Sugerindo o caminho de estudo, que possa conhecer a técnica por meios das imagens e pesquisa, o processo de criação em oficinas ou em laboratórios de arte utilizará a técnica de entalhar, e a sensibilidade dos cordéis como ferramenta para o aprendizado, da arte pela arte, do povo que sofre, chora, ri e faz arte.

A xilogravura utiliza-se dos encantos do cordel, para dar sentido peculiar às peças entalhadas, na madeira ou material alternativo como o isopor, o incentivo poderá vir também dos artistas que o aluno pesquisará. A produção artística trará para dentro da sala de aula não só técnica, mas também a forma que será executada, desde a maneira que cativa o expectador, até o êxtase de conseguir elaborar uma peça, oferecendo um novo olhar para o ensino.

Xilogravura como manifestação da Arte e Cultura Popular

Jeová Franklin (2007) homenageia cem anos da xilogravura com a publicação do livro que levou mais de trinta anos para ser publicado. Destacando a xilogravura e os folhetos de cordel que são produzidos e comercializados em praças públicas, passando a ser influência de uma arte que deve ser conhecida e levada para a vida junto com o ensinamento da sua elaboração. O cotidiano, as lendas, as manifestações sociais e políticas passam a serem temas do que envolve essas duas artes, xilogravura e folhetos de cordel. Esta arte do povo, trazidas à foco, o cordel em versos e prosa passa ser ilustrados pelos xilogravuristas com os entalhes da madeira.

Em toscos pedaços de madeira, o artista popular nordestino construiu a mais rica e instigante expressão plástica da cultura brasileira. De pouca leitura, o artista usou a técnica milenar da Xilogravura para retratar o seu mágico universo, onde anjos se misturam com demônios, beatos com cangaceiros, princesas com boiadeiros, todos envolvidos nas crenças, esperanças, lutas e desenganos da região mais pobre do país. (FRANKLIN, 2007, p.9)

Já Costella (1987) xilogravura é descrita como um carimbo. Em seu processo, a gravura é esculpida na madeira com ajuda de peça talhante, na técnica, utiliza-se um rolo de borracha empapada em tinta, que pinta apenas a partes em relevo. Uma das vantagens da

xilogravura é o baixo custo das cópias que a matriz proporciona, fazendo uma produção em grande escala.

A xilogravura é conhecida de duas formas, sendo a primeira de “topo” e a segunda de “fio”: A xilogravura de fio também é conhecida como madeira deitada, o artista usa madeira cujo corte foi feito na mesma direção da fibra da árvore, o corte é ao longo do tronco, “tronco em pé” “em tábuas”. Veja foto: (Figura 2)



Figura 2: Recorte de Madeira Fio e Topo
Fonte imagem: Print Screen: Blog Angélica Tiso

Para esse tipo de utilza-se ferramentas de escultor¹ como: faca, formão, goiva redonda ou em “u” e a goiva em “v”. Na técnica de fio o xilogravura cria áreas e não linhas, pois nesta técnica como o entalhe é contra as fibras da árvore torna o encave mais trabalhoso e difícil.

Diferentemente da xilogravura de topo, onde o artista trabalha com a ferramenta “buril” com a madeira cortada em discos, ficando assim mais fácil de conseguir traços delicados como linhas, coisa que os xilogravuras de fio não conseguem. Foto acima: A xilogravura faz parte da cultura brasileira nordestina, juntamente com arte popular dos folhetos de cordel, assim a Literatura de Cordel é uma classe literária, sendo escrita para ser lida pelo povo e cantada em uma versão rítmica da forma de proclamar um poema, versos e rima do modo de viver do povo nordestino. Portanto é vista como uma demonstração popular

¹Artista que esculpe que faz esculturas: Miguel Ângelo foi grande escultor, além de pintor. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/escultor/>>. Acesso em 10/11/2017.

apresentando a cultura do povo em folhetos pendurados em varais e/ou publicados com temas que evolviu desde a religião, fatos lendas e até a política.

O cordel seguiu uma linha de evolução da língua portuguesa e hoje em dia com grande importância nas Academias de Letras da Literatura de Cordel. Assim, compreendendo a importância da Literatura de Cordel que valoriza e compõe as características da arte popular de cada região, lutando contra o analfabetismo e trazendo uma nova maneira de interpretar e adquirir conhecimento através do ensino da arte pela arte.

Os pontos que aborda a técnica de entalhar e fazer folhetos e a popularização da arte da xilogravura e do cordel aponta uma linguagem de ensino, que estabelece uma importância que apresenta valores contidos no fazer artístico, entendendo que é uma união indissolúvel entre cordel e xilogravura, a cultura popular no ensino de arte pelo entalhar soma conteúdos, assim fazendo e disseminando conhecimento da arte da xilogravura e a cultura dos cordelistas.

Uma das grandes obras da xilogravura é “Grande Onda de Kanagawa” (1830) Hokusai, sendo esta obra a mais apreciada deste artista, além de famosa, uma das imagens mais conhecidas no mundo. Tornando-se apreciada entre colecionadores na década de 1870. Algumas xilogravuras foram ironizadas, surgindo cenas de sexo de todos os tipos, ligando os mais diversos autores da sociedade japonesa, nesse momento, como membro da classe dos comerciantes samurais e os monges budistas e seres mitológicos houve oposições sobre essas obras, às proibições fizeram seus criadores não assinar seus trabalhos e o povo desenvolveu uma série de truques, como colocar apelidos nas imagens ou sinais fracos que eram facilmente identificáveis pelo público da época.

Esta produção apenas ligada a xilogravura prevalece na Europa até o século XIX, mesmo período que as gravuras japonesas chegam à França. Essa nova possibilidade de gravação aproveitando cores vivas, imagens chapadas de contornos rígidos e temas contemporâneos, torna a gravura uma obra estética, entusiasmando de forma acentuada os impressionistas como, Degas, Manet, e Gauguin. Os portugueses já usavam a técnica que, quando veio para Brasil, expandiu-se na Literatura de Cordel. Com isso, algumas obras foram produzidas com o uso da xilogravura, aperfeiçoando distintos xilogravadores, especialmente na região do nordeste. No Brasil, o cordel é localizado com mais naturalidade no nordeste do

²O analfabetismo de jovens e adultos vem sendo reduzido no Brasil — passou de 11,5% em 2004 para 8,7% em 2012, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad). Essa redução é ainda mais intensa no Norte e Nordeste, onde estão localizados os maiores índices de analfabetismo do país. Na faixa de 15 a 19 anos, a Pnad de 2012 registra taxa de analfabetismo de 1,2%, muito inferior à média geral, o que demonstra a efetividade das políticas em curso para a educação básica. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167>. Acesso em 15/11/2017.

país, já foi um meio de comunicação principal, mas hoje em dia é comercializado de forma mais poética, mas continua utilizando o dia-a-dia para construir esta poesia.

Portanto, a cultura popular é imensa e tem influência em vários aspectos da formação indenitária do povo. Sendo comum ver no cordel e a xilogravura fatos que interessam à população. Este período foi tão conhecido nos séculos XIV, XV e XVI que passou a ilustrar os romances de cavalaria, peças teatrais com temas religiosos e cômicos, que também entusiasmaram Ariano Suassuna autor do “Auto da Compadecida, 1955”. Ainda no texto de Jeová Franklin (2007) a técnica da xilogravura desembarcou no Brasil no período colonial sendo utilizada nas estamparias de tecidos e papéis e na produção de cartas de baralhos.

Assim o ensino de arte visual traz os folhetos de cordel e a xilogravura neste tema de pesquisa, buscando a popularização, com valorização do conhecimento dos entalhes e com a poesia em verso e prosa, expondo padrões viventes na produção do artista popular brasileiro. Entendendo que esse processo histórico, será um alicerce para o aprendizado, fazendo assim um jeito novo de ensinar, uma característica peculiar em Artes Visuais. A literatura de cordel foi o mais extraordinário meio de comunicação impresso no Brasil, os primeiros folhetos de cordel eram publicados em tipografia. No inicio os folhetos eram encontrados em estações de trens, feiras e mercados públicos. (FRANKLIN, 2007, p, 20).

Folhetos de Cordel

Hoje em dia as formas de leitura são diversas, incluindo e-books, livros convencionais, revistas e jornal. Neste cenário os folhetos de cordel são poucos consumidos, apesar de sua riqueza cultural e histórica não é bem divulgada na sociedade brasileira e nas escolas. Antigamente eram até estigmatizadas, e o folheto como manifestações culturais regionais específica das regiões do nordeste, leva a literatura como parte importante na luta contra o analfabetismo, é barata e estimulam as crianças nas regiões mais carentes. O cordel é um meio de comunicação e são entalhados e representados pela xilogravura.

Assim os folhetos de cordel como poesia, combinado com as imagens da xilogravura, motiva e desperta o interesse de cada aluno para o “fazer” artístico. O cordel com suas histórias de contos de fada, cangaço e uma narrativa da vida do povo, desperta no aluno um lado criativo e à medida que vão escutando os cordelistas também imaginam como será a gravura “xilogravura”. Levando este lado criador ligado à habilidade, a prática para a arte,

valorizando a informação e dando importância a educação com o ensino das artes visuais.
Foto Folheto: (Figura 3).



Figura 3. Folhetos de Cordel
Fonte Imagem: Agência APCF

CAPITULO III

Conhecendo Arte e Cultura Popular

Muitas culturas acreditam que a arte está além do nível das coisas e que deve ser representadas simbolicamente. Com uma definição especial arte significa habilidade, encanto, sabedoria, fazer algo atingindo um resultado. Já a arte popular é rica em sabedoria e são exercidas pelos artesãos, obras que não são acompanhadas de assinaturas, normalmente trabalham dentro da própria família, cada membro com sua responsabilidade até o final da obra. Mas é apropriado definir que o artesanato não é determinado pela matéria que será utilizado, mas pelo indivíduo que faz uso dela, mas a matéria prima é fundamental para a execução da obra de arte.

O conceito de Cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi, portanto definido pela primeira vez por Tylor. Mas o que ele fez foi formalizar uma ideia que vinha crescendo na mente humana. A ideia de cultura, com efeito, estava ganhando consistência talvez mesmo antes de John Locke (1632-1704) que, em 1690, ao escrever *Ensaio acerca do entendimento humano*, procurou demonstrar que a mente humana não é mais do que uma caixa vazia por ocasião do nascimento, dotada apenas da capacidade ilimitada de obter conhecimento, através de um processo que hoje chamamos de enculturação³ (LARAIA, 1986, p. 14 e 15).

O Brasil é um país acolhedor por sua diversidade cultural, contudo este dizer não resiste a uma investigação mais meticulosa dentro do contexto cultural e questões específicas. Assim provêm os preconceitos históricos que ao invés de permitirem uma compreensão democrática do que venha a ser cultura brasileira, nos restringe e nos arrasta a sustentar uma hierarquia cultural baseada na pirâmide social. Não somente no contexto histórico para reconhecermos os nossos antepassados, mas também como forma de aumentar a capacidade de aceitação e compreender a vida do outro. A análise sobre arte e cultura popular nos leva há um mundo imaginável, estando presente em tudo que somos. Somos exatamente o que herdamos, por exemplo, a religião que nos é ensinada.

A arte popular que apreciamos traz o conceito de identidade cultural. Por isso podemos pesquisar arte, dando seu devido valor para arte e cultura popular, proporcionando para cultura a importância que ela merece, mesmo que não seja uma cultura de classe, a

³ Processo constante de aprendizagem e de assimilação do conhecimento, em que o indivíduo aprende o modo de vida e a cultura da sociedade em que nasceu (valores, preceitos, crenças, saberes); tem início na infância, posteriormente na escola, seguida por outros grupos ou níveis sociais. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/endoculturacao/> Acesso em 02/10/2017.

conhecida e considerada erudita, a cultura popular nos leva ao povo, fazendo-o reconhecer sua própria identidade.

Segundo José Luiz dos Santos (2006), sempre houve preocupação em estudar diversas culturas, estudos que firmaram através dos tempos e das manifestações entre povos, na intenção de compreender a sociedade em que cada um vive, mas toda esta compreensão não define o que é cultura, esse entendimento abrange aspectos particulares de cada indivíduo envolvido em cada parte de um costume, ou até mesmo em relação ao respeito oferecido para humanidade.

Toda realidade cultural tem uma lógica, um sentido particular de quem o vive, este entendimento é uma conquista nos dias atuais, a cultura faz sentido para quem a tem, e todos temos uma cultura, um modo de viver, uma rotina, modo de vestir e até mesmo o que se costuma comer e isso traz uma curiosidade em nos relacionarmos e conhecermos as extensões culturais existentes.

Segundo Arantes (1987) a cultura é ligada aos costumes do povo, o que temos como passado é interpretado nos dias atuais como curiosidade, desta maneira a cultura popular surge de um fragmento de desgaste. Desse ponto de vista, a arte popular surge como um aspecto como um conjunto de verdades, em aproximação de informações que são restos de acontecimentos que resistiram a um processo correspondente de degradação (ARANTES, 1987, p. 17-18).

Agora, Laraia (1986) explica, por exemplo, como todo esse processo de classificação das culturas sofreu influências daquilo que antropologia denomina de etnocentrismo, fenômeno que nada mais é do que o julgamento da cultura do outro. A partir dos assuntos ligados, uma cultura hegemônica, tida como padrão, deve enfatizar a formação da sociedade colonial, pois dela advém toda uma fama de elementos que servem para excitar preconceitos e estereótipos que, apesar de antigos são constantemente revigorados pela sociedade de classes na atualidade. Os conceitos que individualizam a arte em popular da erudita devem ser utilizados de forma regrada, definição que vem do conjunto do campo sociocultural ou socioeconômico.

Entretanto na história que envolve tais conceitos, as vanguardas europeias⁴ foram manifestações artísticas, fizeram ruptura importante para a época, oferecendo uma novidade na maneira de fazer arte.

⁴ As vanguardas europeias foram manifestações artístico-literárias surgidas na [Europa](#), nas duas primeiras décadas do Século XX, e vieram provocar uma ruptura da [arte moderna](#) com a tradição cultural do século anterior. Disponível em: <https://www.infoescola.com/artes/vanguardas-europeias/> Acesso em 15/11/2017.

A arte popular é produzida por pessoas sem nenhuma formação acadêmica, mas não deve ser considerada como uma arte menor. As artes menores são versões empobrecidas das do dito cultura erudita⁵. Mas o diálogo com o movimento da Bauhaus⁶ naquele momento ocorreu de uma forma estável, influenciando as ações.

A Bauhaus unia gêneros artísticos, o resumo previa na orientação da produção da estética, expressando a criatividade, além de seus cursos preparatórios, estabelecia níveis de criação em artesanato, como pintar e desenhar. O alicerce do movimento Bauhaus era instrução na formação de escultores, ceramistas e tecedores, com a elaboração de produtos como cestos, tapetes e vasos, crochê, tricô, objetos feito artesanalmente e vendidos em locais de livre acesso como são os folhetos de cordel. Mas arte é muito mais do que simplesmente rodar o Brasil e conhecer diversas maneiras de representar uma região, é na verdade o compreender da produção destas regiões visitadas.

E, pensando no Brasil que é abastado em matéria prima, por exemplo, a argila que é encontrada em toda a parte, assim como em regiões específicas a pedra sabão e as areias coloridas, desta forma é relevante lembrar que o artesanato não é definido pelo material, mas por quem o utiliza, o artesão.

Apesar desta riqueza de materiais, o Brasil no ensino da arte tem contemplado pouco os diferentes modos de aprendizagem com outros atributos de grupos culturais que compõem a sociedade e a cultura brasileira. Segundo Arantes (1987) em todas as atitudes humanas há fragmentos que podemos chamar de cultura. As atitudes do dia-a-dia de todos os indivíduos leva-o a ser mais culto e mais sociável para que a sociedade em sua diversidade seja um lugar melhor, sendo o popular ainda mais básico para a sustentação das classes sociais.

Os costumes e tradições nos leva a fazermos diferenciações que passa de geração em geração, mas não geneticamente, e sim o modo em que fomos criados, por exemplo, quando chegamos a uma oficina sabemos quem é o empregado e o patrão, por suas vestimentas? Sim, afinal estamos culturalmente treinados para sabermos que quem está limpo “chefia, coordena” quem está sujo “é a mão de obra”.

⁵ Cultura erudita é aquela considerada superior, normalmente apreciada por um público com maior acúmulo de capital e seu acesso é restrito a quem possui o necessário para usufruir dela. A cultura erudita está muitas vezes ligada a museus e obras de arte, óperas e espetáculos de teatro com preços elevados. Existem projetos que levam esse tipo de cultura até as massas, colocando a preços baixos, ou de forma gratuita, concertos de música clássica e projetos culturais. Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/cultura-de-massa-cultura-popular/48831> Acesso em 16/10/2017.

⁶ As características do movimento Bauhaus
O nome é uma junção de “bauen” (“para construir”, em alemão) e “haus” (“casa”)
“Interligação com todo tipo de arte, até as consideradas inferiores”, como cerâmica, tecelagem e marcenaria;
Uso de novos materiais pré-fabricados; Disponível em <https://mundoestranho.abril.com.br/cultura/o-que-foi-a-bauhaus/>
Acesso em 15/11/2017.

Entretanto vivemos em uma sociedade preconceituosa, que usa “cultura popular” para fazer diferenciações entre o “saber” e o “fazer”, coisas populares cobre a diversidades e as desigualdades. “Nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, o trabalho manual e o trabalho intelectual são pensados e vivenciados como realidades profundamente distintas uma das outras.” (ARANTES, 1987, p. 13, 14).

No Brasil há um discurso de locais que se parecem mais o paraíso, já que todo território brasileiro é vasto de lugares que impressionam. Mas não deixa de ser um país cercado de diversidades que nos envergonham também como, por exemplo, a falta de infraestrutura em saneamento básico de água e esgoto e a política. No entanto há uma sensibilidade natural, da mesma forma que um pianista quando toca seu piano, um artista popular pode sensibilizar um olhar com sua obra.

O artista popular pode elaborar um vaso a partir do barro, um xilografo pode elaborar uma xilogravura através da madeira e um material cortante, sendo assim o trabalho com arte popular em sala de aula aumenta o valor sobre a cultura popular, compondo um vínculo de conhecimento do povo sobre a história, este ensino faz com que o aluno seja mais crítico, reveja os pré-julgamentos em artes podendo estabelecer uma nova visão nova para a arte como citado no Parâmetro Curricular Nacional.

É necessário que, no processo de ensino e aprendizagem, sejam exploradas: a aprendizagem de metodologias capazes de priorizar a construção de estratégias de verificação e comprovação de hipóteses na construção do conhecimento, o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade, a compreensão dos limites e alcances lógicos das explicações propostas. Uma dinâmica de ensino que favoreça não só o descobrimento das potencialidades do trabalho individual, mas também, e, sobretudo, do trabalho coletivo. Isso implica o estímulo à autonomia do sujeito, às suas próprias capacidades, interagindo de modo orgânico e integrado num trabalho de equipe e, portanto, sendo capaz de atuar em níveis de interlocução mais complexos e diferenciados (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 27).

Aliás, no texto de Laraia (1986), julgamos o outro em cima do que nos influenciam na vida, temos como padrão a educação que recebemos e não aceitamos a educação do outro, somos julgadores um dos outros, com este exemplo Laraia também nos explica, como todo o processo de classificação das culturas sofreu influências daquilo que antropologia denomina de etnocentrismo, fenômeno que nada mais é do que julgamento da cultura do outro tido como padrão.

Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais. Segundo Felix Keesing, "não existe

correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado". Em outras palavras, se transportarmos para o Brasil, logo após o seu nascimento, uma criança sueca e a colocarmos sob os cuidados de uma família sertaneja, ela crescerá como tal e não se diferenciará mentalmente em nada de seus irmãos de criação. (LARAIA, 1986. p.9)

Tudo que somos e fazemos são resultados de todo aprendizados que nossos antepassados nos deixaram, como herança cultural, passando um para o outro, de gerações em gerações, somos consequências do que aprendemos.

Ainda no texto de Laraia (1986) Tylor (1871) define cultura através do modo que vivemos tudo que aprendemos independente da genética, sendo o homem o único possuidor de cultura, a evolução seria apenas um processo de aprendizagem, e quando falamos de algum processo de evolução da humanidade, deparamos com a arte.

Arte e Cultura: Importância e Valorização

Giorgio Vasari (1550) trouxe o conceito de salvação para história da arte, com a intenção do artista não ser esquecido, tendo assim uma segunda morte, a do esquecimento. A arte como uma forma de ensino da cultural e arte popular é importante para a humanidade, uma sensibilidade, criatividade e sentimentos de emoções e desejos, e hoje em dia comentando e criticando fatos da sociedade.

Ana Mae Barbosa (2012) destaca como é importante o contato da criança com a arte, explica como é o processo de conhecimento, envolvendo a inteligência, o raciocínio, o lado afetivo e o emocional, que estão fora do currículo escolar. A arte traz o passado para o presente, e com esta maneira podemos mudar o futuro, iniciando de forma diferente o modo de enxergar a vida, podendo estar livre de preconceito ajudando a transformar o meio em que se vive, sendo parte de uma sociedade não só expectadora de acontecimentos. Assim a arte nos leva a conhecer um mundo novo que busca nos artistas o conhecimento nas produções culturais, e que passaram a ter um papel de destaque na composição da cultura e educação e em especial na terminologia usada por muitos artistas, alunos, arte-educadores e pesquisadores que mantém até hoje a dúvida quanto ao uso apropriado, pois a diversidade dos termos disfarça um contexto histórico de poderes e informações na área de artes.

Na idade média ainda eram desprezados todos aqueles que trabalhavam com as próprias mãos, uma arte considerada inferior. Entretanto o ensino de arte popular como instrumento de ensino, tem sido uma forma de criação, motivação, sendo utilizadas formas que estimulem a criatividade e principalmente o interesse do aluno, como o atelier em artes, com seus pincéis, tintas, telas e porque não madeira e goiva. Portanto toda e com qualquer pesquisa em arte, educação e cultura é de grande importância para todos, visto que é através destas que conseguimos nos relacionar. E vale o que aprendemos e vamos ensinar como arte-educador ou com mero espectador da vida, neste mundo de indivíduos famintos de um ambiente melhor.

A pesquisa tornou-se indispensável dentro da sala de aula como ferramenta de ensino de arte, aliás, como a formação do aluno se encontra principalmente na escolar, a cultura popular será mais uma ferramenta para construção do conhecimento que passa pela Arte. A inspiração vem de artistas brasileiros, xilogravuras e cordelistas como destaque o José Francisco Borges (1935). Enxergar os folhetos e a técnica da Xilogravura como expressão de arte, um casamento, como se um não fosse feito sem o outro.

A Arte inclui a diversidade cultural, de tal forma que podemos apresentar a cultura e arte popular nos diversos âmbitos do dia a dia, como a vida dos sertanejos, com a queima do alho, famosa festa de peão em Barretos/SP, como também seus monumentos da mesma forma que a xilogravura e a literatura de cordel são mostradas no nordeste. Aprender arte é desenvolver educação pessoal cultivando e alimentando as interações das informações relacionadas com a vida e os processos com a forma de aprender. Criar é pensar na maneira que o trabalho será concretizado, conectando a valores sociais no processo de inspiração.

Ensinar significa não isolar a escola da informação sobre a produção histórica, garantindo ao aluno liberdade de imaginar e integrando-o aos aspectos lúdicos e prazerosos da atividade artística. O conteúdo em arte, não pode ser banalizado, mas deve ser inventivo, novo, uma nova modalidade de aprender cultura. Informando que existem diferentes formas de aprender que traz para dentro da sala de aula valores estéticos e culturais que desenvolva o aluno com conteúdo ricos em diversidade cultural, trazendo respeito uma ao outro de forma que abranja sua família com o reflexo do que este aluno ser tornará.

Progressivamente, a aula será de escolha do professor, e este saberá a melhor maneira de atingir a clientela da sua escola, observando diariamente a evolução e se necessário fazer mudanças, reinventando sempre que possível o modo que o ensinamento atinge o aluno, trazendo a arte e cultura popular com sentido e sentimento.

No que se refere à arte, torna-se notório que existe uma consciência histórica na produção e na prática contínua. O aprendizado acompanha a evolução da criança e do jovem, cabendo à escola dar alicerce com trabalhos e objetivando resultados, impulsionado o modo que se aprende e desenvolve um novo conhecimento, dando autonomia aos alunos e o incluindo de maneira ativa no seu processo de evolução, educação.

O incentivo à curiosidade pela manifestação artística de diferentes culturas, por suas crenças, usos e costumes, pode despertar no aluno o interesse por valores diferentes dos seus, promovendo o respeito e o reconhecimento dessas distinções; ressalta-se assim a pertinência intrínseca de cada grupo e de seu conjunto de valores, possibilitando ao aluno reconhecer em si e valorizar no outro a capacidade artística de manifestar-se na diversidade. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 37).

A formação em arte inclui conhecimento, favorece a valorização dos povos pela importância das semelhanças e seus contrastes, consolidando a identidade do aluno. O ensino de arte é área estabilizada dos currículos escolares, porém ainda requer que os professores sejam habilitados no contexto arte, para orientar a formação do aluno.

Considerações Finais

Foi de muita importância o conteúdo deste estudo, contribuindo com o meu crescimento profissional e principalmente pessoal. A maneira com que enxergo arte hoje é de admirador e contemplador.

Ao fazer a analise do caminho no Ateliê de Artes Visuais lembrei-me dos primeiros passos nas antigas aulas de “Educação Artística” foi uma trajetória que hoje dou mais valor do que naquela época. Vejo que, aquela professora “Cássia” Arte-educadora marcou minha existência neste mundo, mundo das Artes. Lembrança de como ela fazia círculos na lousa, utilizando um barbante e um giz branco, era uma mágica. Era um mágico tirando de sua cartola um coelho, imagino que ela nunca saberá dessa minha memória. E, com essa boa lembrança, após a realização deste trabalho, chega à conclusão que tudo está ligado a arte.

A arte popular em especial levará com a xilogravura e o cordel a mesma consideração da magia do giz e do barbante para os alunos na sala de aula ou em projetos sociais. Portanto, a xilogravura casada com o cordel será uma forma construtiva de conhecimento, esquecido sobre a arte e cultura que funde no Brasil.

Todos conhecem um carimbo, mas nem todos tem a oportunidade de conhecer a xilogravura, sua história e técnica, juntamente com os folhetos de cordel. Devemos incluir e aprofundar a arte e cultura na grade curricular das escolas, pois será uma contribuindo para conhecemos um pouco da historia da arte no país, valorizando e disseminando sobre a cultural e arte popular, já que a técnica requer passo-a-passo e investigação. Estabelecendo um valor para o processo de inspiração que desperta o lado intuitivo do aluno. E, este acordar despertará a atenção do aluno, por que hoje em dia conseguir atenção de alunos principalmente os indisciplinados e desinteressados demanda tempo e paciência. Sendo que os exercícios de criar uma peça utilizam da criatividade, aumentando o intelecto, e dissemina a forma de divulgação da arte e cultura popular.

A xilogravura e os folhetos de cordel espalham esta arte, constituindo com um atrativo para prática escolar no que diz respeito a importâncias sobre a diversidade de etnias, fazendo parte do que será um novo olhar no ensino. Contribuindo para inovação no que se reverência à inclusão do aluno de forma dinâmica e eficaz, enraizando a importância do povo nordestino para o restante do país pelo ensino da arte visual. Assim aumentaria a cultura dos alunos em arte, a frente do desenvolvimento da capacidade de aprendizagem cultural, bem como adquirir os conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores críticos, artísticos e estéticos.

Os estudantes compreenderão como e porque são seduzidos por um imaginário do cotidiano, vê na arte a beleza e o diferente levam a transformação de um mundo assombrado, e isso devem contribuir para uma analise crítica do seu próprio entendimento em relação ao que aprende e no que é ensinado.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

BARBOSA, Ana Mae, A Proposta ou Abordagem Triangular, 2012. Disponível em http://www.inovareduca.com/index.php?option=com_content&view=article&id=154%3Aa-proposta-ou-abordagem-triangular-ana-m. Acesso em 13/11/2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 37 p. Disponível em www.dc.mre.gov.br/imagens-e-textos/revista7-mat5.pdf/at. Acesso em 10/09/2017.

BAUHAUS. UM SÉCULO DE EXPLOSÃO METEÓRICA DO DESIGN. Disponível em http://lounge.obviousmag.org/resumindo_e_substituindo_o_mundo/2014/08/bauhaus---um-seculo-de-explosao-meteorica-do-design-1.html Acesso em 10/11/2017.

DIAS, Belidson – Apagamentos: ei eiei... Cultura o que? Visual? E as belas artes, artes plásticas e artes visuais?
file:///D:/Usuario/Desktop/HD%20EXTERNA/Artes%20Visuais/1%20Ano%202014/1%20Semestre2014/Rota%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20%20%20%20Rosa/TE/miss%C3%A3o%206/Texto%20do%20Belidson_Nomenclaturas.pdf Acesso em 10/09/2017.

DIAS, Belidson: Texto: "Fundamentos para os cursos de Formação de Professores em Artes Visuais". Disponível em <http://aureniuab-3.blogspot.com.br/2012/02/nomenclatura-das-artes-visuais.html> Acesso em 15/09/2017.

EPOCA.COM. MORRONE, Beatriz. A importância do ensino da arte na escola.
<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html> Acesso em 10/09/2017. Acesso em 10/07/2017.

ENCICLOPEDIA ITAUCULTURAL. José Francisco Borges. Biografia Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8837/j-borges> Acesso em 10/10/2017.

INOCENCIO, Nelson. Arte e Cultura Popular. Universidade aberta do Brasil. Disponível em file:///D:/Usuario/Desktop/HD%20EXTERNA/Artes%20Visuais/pasta%20tcc/Arte_e_cultura_popular_revisao_final.pdf Acesso em 12/09/2017.

INFOESCOLA. ARAUJO, Ana Paula. Literatura de Cordel. Disponível em <http://www.infoescola.com/literatura/literatura-de-cordel/> Acesso em 10/07/2017.

INFOESCOLA. Xilogravura. Disponível em <http://www.infoescola.com/artes/xilogravura/> Acesso em 10/07/2017.

INTERCOM. Revisitando a Folhetaria de J.Borges – notícias do sertão. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0382-1.pdf> Acesso em 10/10/2017.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um conceito antropológico. 14^a Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Disponível em

<file:///D:/Usuario/Desktop/HD%20EXTERNA/Artes%20Visuais/pasta%20tcc/Cultura-%20um%20conceito%20antropol%C3%B3gico,%20de%20autoria%20de%20Roque%20de%20Barros%20laraia.pdf> Acesso em 12/09/2017.

PORTALEDUCAÇÃO. Cultura de massa, cultura popular e cultura erudita. Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/cultura-de-massa-cultura-popular/48831> Acesso em 16/10/2017.

RAMOS, Everardo. José Costa Leite. Biografia. Fundação Casa Rui Barbosa. Entrevista (2000, 2005,2008) Disponível em http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoseCostaLeite/joseCostaLeite_biografia.html# Acesso em 10/10/2017.

RECANTODASLETRAS. A importância da Arte na educação SALDANHA, Nuno. Arte Popular, Arte Erudita e Multiculturalidade. Influências confluências e transculturalidade. Disponível em http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/3_PI_Cap3.pdf/b5319b02-5e6e-49a7-8a4f-651509d8b33b Acesso em 05/10/2017.

SALDANHA, Nuno. Arte Popular, Arte Erudita e Multiculturalidade. Influências confluências e transculturalidade. Disponível em http://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/182327/3_PI_Cap3.pdf/b5319b02-5e6e-49a7-8a4f-651509d8b33b Acesso em 05/10/2017.

SIGNIFICADOS. O que é Xilogravura. ARAUJO, Felipe. Disponível em <http://www.significados.com.br/xilogravura> / Acesso em 10/07/2017.

IENCONTRO. CORREIA, Bento. “Diálogos entre Letras” Literatura de Cordel e Xilogravura: Interfaces de representação do imaginário. Disponível em <http://www.ufgd.edu.br/eventos/edel/trabalhos/CORREIA,%20Rodrigo%20Bento.pdf> Acesso em 10/07/2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é Cultura Popular*. 12^a Edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação Contemporânea – Consonâncias Internacionais. Chalmers, F Graham . Trad. Dias, Belidson 5. Ed. Cortez.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte: anos 80 e novos tempos. São Paulo : EditoraPerspectiva,1991(1a edição), 1994 (2a edição)..1998(5a edição)

BERTONI, L.M. Arte, indústria cultural e educação. Caderno Cedes ano XXI nº 54 agosto /2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares Nacionais: arte. Brasília:MEC/SEF,1997.

COSTELLA, Antônio. Xilogravura - Manual Prático. 1ª. Ed. Editora Mantiqueira. - Campos do Jordão- 1987.

COSTELLA, Antônio F. Introdução á Gravura e a sua História. 1ª. Ed. Editora Mantiqueira. - Campos do Jordão- 2006.

DIAS, Belidson: Texto “EI, EI, EI...CULTURA O QUE? VISUAL? E AS BELAS ARTES, ARTES PLASTICAS E ARTES VISUAIS? (p 2)

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Tradução: Leandro Konder. – 9ª Ed. Editora LTC 2007.

OSINSKI, Dulce. O Ensino de Arte e Indústria. Arte, História e Ensino – Uma Trajetória. São Paulo: Cortez Editora v.79. 2002 (Questões da Nossa Época). P. 44-56.

SANTOS, José Luiz dos, 1949- 0 que é cultura / José Luiz dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110).

OSINSKI, Dulce. As Academias e o Surgimento do Neoclassicismo.In:__Arte, Historia e Ensino_Uma Trajetória. São Paulo: Cortez Editora v.79. 2002(Questões da Nossa Época).p.31-43.

REFERÊNCIA DAS IMAGENS

Figura 1: José Francisco Borges (1935). Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/artistas/art-12107/imagens/E7wOgwS7.300x300.jpg> Acesso em 20/10/2017.

Figura 2. Recorte da Madeira. Técnica de corte. Disponível em< https://2.bp.blogspot.com/-NP2cWXenwZc/VtJkzZ-lu1I/AAAAAAAAC2U/KA6EDJGrLVg/s1600/12644978_1677328519185664_9207317177691682106_n.jpg> Acesso em 20/10/2017.

Figura 3. Folhetos de Cordel de J. Borges. Disponível em:
http://apcf.org.br/Portals/0/imagens_not%C3%ADcias/cordel_capas.jpg Acesso em 20/10/2017.

Figura 4. O Monstro do Sertão. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/galerias/emp-87/leiloes/lei-936/lotes/lot-305854/gWP9Bcp4.400x400.jpg> Acesso em 20/10/2017.

Figura 5. A Mulher Misteriosa. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/galerias/emp-87/comitentes/com-19/itens/ite-8425/QCIyb1.400x400.jpg> Acesso em 20/10/2017.

Figura 6. Encontro dos Violeiros. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/galerias/emp-87/leiloes/lei-925/lotes/lot-304211/sfW0gkrO.400x400.jpg> Acesso em 20/10/2017.

Figura 7. Mudança do Sertanejo. Disponível em :< <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/galerias/emp-87/leiloes/lei-936/lotes/lot-305870/O8XEGVuj.400x400.jpg> Acesso em 20/10/2017.

Figura 8. O verdadeiro aviso de Frei Galvão. Disponível em: Print Screen. Fonte: Print Screen Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0382-1.pdf> Acesso em 20/10/2017.

Imagen 9 . Memorial J. Borges . Disponível em: Print Screen Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0382-1.pdf> Acesso em 20/10/2017.

ANEXO A – Plano de Aula

Professor regente: Gisele Aparecida Corrêa da Silva

7º ano - Ensino Fundamental II

Tema: Xilogravura de Cordel na escola

Competências.

- Compreender socialmente a função do cordel contra o analfabetismo.
- Incentivar a leitura como prática importante na cultura popular.
- Compreender que a Arte como linguagem que estuda e demonstrar diversidade de etnias.
- Perceber e reconhecer que a arte no ambiente escolar é uma disciplina que trabalha interdisciplinarmente de forma a contribuir para o desenvolvimento intelectual do aluno.
- Compreender a relação entre as Artes Visuais e as outras modalidades artísticas com os vários contextos estabelecendo relações nos trabalhos individuais e coletivos.

Habilidades.

- Identificar as produções da arte e cultura popular.
- Identificar através da análise crítica as formas da figura que será apresentada, representando o cotidiano.

Objetivos específicos.

- Despertar o interesse por xilogravura e folhetos de cordel.
- Compreender a produção dos folhetos e a impressão das matrizes.
- Identificar rimas e prosas nos versos poéticos, em especial as rimas.
- Criar um poema para elaboração da xilogravura, como inspiração o artista José Borges que é cordelista e xilogravista.
- Conhecer e avaliar a xilogravura como produção artística, valorizando a arte popular por meio do ensino da arte.

Conteúdo: A literatura de cordel, a técnica da xilogravura e a arte e cultura popular.

Primeira aula - Introdução à xilogravura e o cordel.

- Elaboração de um texto sobre as técnicas da gravura xilográfica.
- Leitura do folheto de cordel escolhido para a apreciação do grupo.
- Pesquisar sobre xilogravura de cordel como arte popular da cultura nordestina.

Segunda aula – Apresentar a Xilogravura com o Cordel para os alunos.

- ⊕ Analisar com os alunos a imagem e questionar (suas formas, percepções e proporção).
- ⊕ Apresentar o Artista J. Borges como cordelista e xilografo.
- ⊕ Demonstrar a técnica da xilogravura por meio de representações do artista conhecido, mostrando as possibilidades que acerca a técnica e a nova maneira de aborda-las dentro da sala de aula, utilizando material reciclável de baixo custo como os suportes de isopor.
- ⊕ Apresentar folhetos de cordel como incentivo ao desenvolvimento de versos rimas e prosas.
- ⊕ Demonstrar por meio de a literatura o iniciar do cordel em sala de aula.

Terceira aula – Elaborando um cordel, o projeto (atividade escrita).

- ⊕ Incentivar a leitura.
- ⊕ Elaborar um poema de cordel, produzindo um folheto. (rimas em versos com historias do cotidiano do povo nordestino).
- ⊕ Elaborar um desenho, com lápis em folha de sulfite A4 como inspiração do poema produzido e depois reservar para aula prática.
- ⊕ Planejamento para as próximas aulas (apresentar as etapas para os alunos como forma de incentivo para continuação da atividade).

Quarta aula – Criação do desenho, o projeto (atividade prática).

- ⊕ Solicitar aos alunos e a direção da escola suporte como materiais necessários para elaboração da atividade prática, (placa de isopor ou material reaproveitado (bandeja de supermercado) para ser matéria prima da matriz de xilogravura, e palitos de madeira para substituir todos os materiais cortantes).
- ⊕ Elaboração de desenho, com lápis em folha de sulfite A4 e depois transferir para o isopor e/ou papel *canson*.
- ⊕ Planejamento para as próximas aulas (apresentar as etapas para os alunos como forma de incentivo para continuação da atividade).

Quinta aula -- Iniciação para a prática.

- ⊕ Transferência dos desenhos (folha de sulfite) para a placa de isopor.
- ⊕ Preparando o suporte para passar rolo com tinta e impressão de cópias na próxima aula.

Sexta aulas – Passos seguinte da produção.

- ⊕ Entregar desenho elaborado na aula anterior.
- ⊕ Preparar todo material necessário para substituição da madeira (como palitos e placas de isopor).
- ⊕ Orientar os alunos o processo de passar o rolo com tinta, sendo uma camada suave, que pode ser substituído por pequeno pedaço de espuma ou pincel.
- ⊕ Fazer uma amostra para que os alunos tenham facilidade em entender e assim não rasgar a mostra.
- ⊕ Chegada a hora da prática, permitir que os alunos façam suas impressões em papel, sob supervisão do professor.
- ⊕ Observar qual a reação dos alunos diante da impressão da matriz.
- ⊕ Orientar sobre a limpeza dos materiais e matriz para que mesma não fique com restos de tinta e que perca os detalhes com entupimento dos sulcos.
- ⊕ Com cuidado, colocara para secar todas as peças e organizar uma exposição como os alunos da escola, podendo ser no pátio para conhecimento de todos.

Metodologias.

- ⊕ **1º Momento:** Fazer demonstração em Power Point com o processo de impressão, mostrando que pode ser feito várias cópias.
- ⊕ **2º Momento:** Solicitar grupos de estudo, para que os mesmos possam trazer para sala de aula estudos sobre a Xilogravura e o Cordel.
- ⊕ **3º Momento:** Fazer a Xilogravura
- ⊕ **4º Momento:** Fazer um Cordel
- ⊕ **5º Momento:** Exposição em forma de varias e painéis dos trabalhos elaborados.

Cronograma: 6 horas/aulas.

Recursos

- ⊕ Os alunos poderão colaborar com as folhas de papel *canson* e isopor. Mas ficam como responsabilidade da escola o material, como placas de isopor, tintas guache. A sala de informática para pesquisa e laboratório para elaboração da atividade e espaço como (quadra poliesportiva ou pátio) para a exposição dos trabalhos prontos.

Avaliação

- ⊕ Será avaliado o comprometimento do aluno, com a elaboração do processo que envolve a atividade, sua criatividade e esforço e contribuição para a atividade prática escrita e trabalho em grupo.

ANEXO B



Figura 4 O Monstro do Sertão

Fonte: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/galerias/emp-87/leiloes/lei-936/lotes/lot-305854/gWP9Bcp4.400x400.jpg>



Figura 5: A Mulher Misteriosa

Fonte: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/galerias/emp-87/comitentes/com-19/itens/ite-8425/QClYbis1.400x400.jpg>



Figura 6: Encontro de Violeiros

Fonte: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/imgs.iarremate/galerias/emp-87/leilos/lei-925/lotes/lot-304211/sfW0gkrO.400x400.jpg>

ANEXO C



... sobre o caso contado por Jeová Franklin em 2005
 (1965, Bezerros: primeiro cordel escrito, ilustrado e editado por J.Borges.
 Na capa, sua representação da Matriz de Juazeiro. Ao lado, Matriz de Juazeiro e Matriz de Bezerros)

Figura 71: O verdadeiro Aviso de Frei Galvão
 Fonte: Print Screen. Fonte: Print Screen Intercom –



Memorial J. Borges, Bezerros, 2005.
Estantes de folhetos.
Na tipografia, Cícero coloca em funcionamento a velha máquina.



Memorial J. Borges, Bezerros, 2005.
J. Borges - as caixas de tipos móveis, as matrizes.

Figura 8: Memorial J. Borges
Fonte: Print Screen Intercom –